

# COMART

Corpo:  
Escultura Viva

Amanda Mendes

A Dúvida  
sobre Cézanne

Tatiana Gonçalves

Junho/12  
Nº1

Nesta Edição da  
COMART

Ilana Linhales  
Rangel

ODEON N.º 2

Temporada de Teatro Simão  
Companhia MADAMEUS BENAUD  
JEAN LOUIS BARBAUD

Aberto 15 a 4 Teatros: Vespertino

TERTIJA ALTA

7236 8:70

TEAT  
77

PLATEIA

A 04

R\$50,00

05/06/10 21:00

02:02 EST/10206

MEIA  
007841-02

TEAT  
77

PLATEIA

A 04

R\$50,00

05/06/10 21:00

02:02 EST/10206

MEIA  
927641-02

Siguiendo hacia el sur encontramos a sólo 30 km. de Valencia la localidad de Mireny Blau, zona turística y de verano, y así sólo para el verano. La peculiaridad de Mireny Blau es que con garbales se levantan olas que con garbales ideales para saltar y hacer deportes y para frecuentes en otras compañías producto de un...



## Nesta Edição da COMART

Junho 2012

É com grande orgulho que apresento a primeira edição da COMART, uma publicação mensal editada pelos bolsistas pró-cultura da COART, inseridos no projeto “Produção Universitária”. Esta é uma publicação que se destina a levar a discussão e a informação sobre arte para todos os sujeitos que se encantam com as linguagens artísticas. A arte que é pensada, ofertada e criada na COART é a arte de todos, que percorre os caminhos mais diversos e que por isso é cheia de riquezas.

É a arte popular, é a arte erudita, é a arte que não se classifica, é a arte que é vivida. Nosso desafio com esta publicação é ampliar o espaço de produção de informação e de conhecimento dos sujeitos que fazem parte da COART, tanto daqueles que se dedicam ao seu funcionamento, como daqueles que estão inseridos nos processos de criação artística oferecidos por ela. É nosso desafio também ampliar nossos espaços de criação, de reconhecimento de identidades, de práticas culturais e sociais, onde diversas linguagens são trabalhadas e onde a pluralidade de sujeitos interage de modo livre e espontâneo, mediado pelo fazer artístico.

Vida longa à COMART!  
Ilana Linhales Rangel

# Corpo: Escultura Viva

por Amanda Rodrigues Mendes

Equívocada e de pouca compreensão, a Performance, muitas vezes, é vista como um dos elementos artísticos mais incompreendidos em seu propósito por falta de conhecimento ou por não aceitação daquele que a observa. Mas, o que define uma performance? Performance pode ser vista como uma forma de arte constituída ou articulada por elementos de diversas naturezas artísticas como teatro, música, dança. Entende-se o corpo como sujeito e objeto da obra de arte. Os participantes ou performers, geralmente fora dos espaços tradicionais delegados à arte, buscam através de seus corpos em tempo real, dialogar diretamente e presencialmente com o público. Com isso há uma quebra de orientações como “não toque!”, “não mexa!” quotidianamente vista em objetos expostos. A arte performática chega a modificar inclusive o conceito de arte, já que ela incorpora novos elementos estéticos às artes plásticas. O artista, por exemplo, pode ser a própria obra - como já visto anteriormente - o tempo é o real, o aqui e agora, diferente do tempo do cinema, da televisão que é editado, pré-gravado. Uma das preocupações da performance é quebrar a barreira entre arte e não-arte.

Um exemplo é o espetáculo “Índiofornáticos”,

realizado pelo grupo Corpos Informáticos. Imagine só! Você está voltando de uma viagem e ao chegar na rodoviária se depara com televisões suspensas anexadas a um aparelho de videocassete formando balanços a cerca de alguns metros do chão. E não para por aí. Há uma pessoa a se balançar. Penso que é um tanto incomum para uma rotina rodoviária, no mínimo. Essa performance aconteceu em abril de 1996, em Brasília. O objetivo era questionar a passividade frente a TV - já que ela paralisa o corpo - mais do que isso, a TV em movimento representava a quebra do sistema. A maior surpresa se deu por parte das atitudes dos transeuntes. Alguns, como no relato do próprio grupo, não repararam ou não quiseram parar para observar. Outros, por outro lado, não entenderam e simplesmente acharam que era coisa de artista, coisa de doido. O que fez da estranheza algo intocável.

Inconscientes do papel que desempenham como participantes do objeto artístico, o público tende a se desmotivar perante a ação artística. Ou até mesmo usar de atitudes moralizantes e repressoras. Questões não entendidas como “o que é”, “por que”, “utilidade”, fazem com que as pessoas tenham dificuldade de aceitar tal arte. De forma geral, a arte performática quer não só abraçar o público que gosta, que aprecia, mas também busca o diálogo, o entendimento daquele que se diz não entendedor. A Performance necessita e luta por um público contemporâneo para que ela se realize em seu objetivo: o de interagir.

# A Dúvida sobre Cézanne

por Tatiana Agra Gonçalves

“Ensinar os homens a morrer é ensiná-los a viver.”(Michel de Montaigne)

Após uma leitura do texto A Dúvida de Cézanne do autor Merleau-Ponty, um dos pontos que mais chamou a atenção foi o medo da morte que o autor disse que o pintor possuía. Para Cézanne, tudo que conhecemos até hoje como suas grandes obras foram apenas objetos de estudo, rascunhos que um dia poderiam levá-lo ou não a uma meta que ele buscava alcançar. Com suas incessantes buscas, transformou a pintura em seu mundo, sua razão, sua vida. O que esperava Cézanne?

Preocupar-se com a morte era preocupar-se com algo que ainda estaria afastado dele. Mas, para Cézanne, a morte não era a única a ser temida. Temia a vida, também. É compreensível seu medo de passar por mais anos e anos de solidão e de não-contentamento. Vida que maltratava e pela qual era maltratado. A falta de contato de Cézanne com outras pessoas é visível quando ele as pinta em algumas de suas obras. A frieza e a falta de vivacidade de seus personagens eram tantas que se assemelhavam a objetos que o cercavam.

E a morte? É claro que, de certa forma, todos nós temos medo da morte. A morte é um momento desconhecido. O homem é um ser regrado pelo tempo, pelos planos, e ao certo não há como colocar a morte no planejamento de ninguém. Porém, pensemos. Cézanne irá se tornar um dos maiores pintores de naturezas mortas que existiu, tema que reflete diretamente a idéia de morte. O diferencial de Cézanne está em fugir do comum amontoado de frutas e flores, que podiam ser vistos como estudos e usar no lugar disso o crânio humano que é um dos elementos mais tradicionais e principais no estudo da morte.

Cézanne buscava, em suas obras, dar aos objetos uma vivacidade e uma iluminação que talvez lhe faltasse. Talvez, aqui seja o momento onde possamos tentar responder a nossa pergunta: Por que Cézanne temia essa morte inevitável ao mesmo tempo que a aceitava? Porque podia ser a morte a única saída para um descanso, para um lugar onde talvez Cézanne pudesse tirar a sua dúvida, mas talvez não. Talvez seu medo também fosse o fato de que nunca tivesse uma chance de alcançar o que buscava em vida: a realização. Uma vida cheia de depressões e sofrimentos, e que ele viveu para se dedicar ao máximo a sua pintura, a sua busca pela certeza de que era o pintor que hoje todos nós podemos afirmar que ele foi.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SEB-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA - SR-3  
DEPARTAMENTO CULTURAL  
COORDENADORIA DE ARTE E OFICINAS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA - COART  
PROJETO PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA

## COMART

Publicação Mensal do Projeto Produção Universitária

ANO I nº1 - Junho de 2012

### Direção Geral

Ilana Linhares Rangel

### Editoras

Amanda Mendes (Instituto de Artes), Jéssica de Oliveira (Instituto de Letras),  
Mariana Vilanova (Instituto de Artes), Tatiana Gonçalves (Institutos de Artes),  
Yasming Pereira (Instituto de Letras)

### Editoras para este número

Amanda Mendes e Tatiana Gonçalves

### Colaboradora

Nathália Albuquerque (Instituto de Letras)

### Projeto Gráfico

Tatiana Gonçalves

### Diagramação

Ana Beatriz Fernandes e Tatiana Gonçalves

### Impressão

Gráfica UERJ

